

# De Washington com Amor

## Sobre uma acusação americana e a Igreja em Inglaterra

#Corruption #RussiaHoax #Clinton #Trump

A frase 'hocus pocus' é certamente conhecida por muitos. Foi usada pela primeira vez no início do século XVII no espaço de língua inglesa, muito provavelmente referindo-se à frase de missa da igreja católica-romana "hoc est corpus meum", que é falada pelos padres pouco antes da esmola do pão católico até hoje. Depois da separação da igreja em Inglaterra de Roma em 1531, a frase inteira foi logo pronunciada apenas como 'hocus'. Vários séculos mais tarde, a palavra abreviou-se ainda mais para 'hoax', que é amplamente utilizado no mundo anglófono dos nossos dias. É bem possível que a palavra tenha ganho importância ao longo dos séculos devido ao seu contexto histórico-religioso: hocus-pocus ou hoax refere-se a um truque de magia, que o espectador inicialmente surpreendido geralmente reconhece com alegria como uma fraude flagrante após alguma consideração e reflexão.

De uma forma não tão diferente, a campanha política de Hillary Clinton, metade do governo dos EUA e a maioria dos meios de comunicação social parecem ter partido a partir de 2016 para convencer a comunidade global, num gigantesco embuste mundial, de que o adversário de Clinton, Donald Trump, só poderia ter ganho as eleições de 2016 nos EUA porque era um agente e espião do governo russo.

Isto foi principalmente justificado com a chamada "informação privilegiada secreta" da Rússia, que foi utilizada para espiar a campanha política de Trump antes e depois das eleições de 2016 com o apoio oficial e a participação do FBI. Apenas algumas semanas após a tomada de posse do novo presidente dos EUA em Janeiro de 2017, foi nomeado um conselheiro especial com base nestas informações secretas internas com grande alarido, e foram atribuídos poderosos poderes legais. Com a ajuda da maioria dos meios de comunicação social globais, este conselheiro especial tentou fazer saber directa e indirectamente ao mundo durante cerca de dois anos que Donald Trump, os seus familiares e vários dos seus associados eram de facto agentes remunerados e na cama com metade do governo russo do Kremlin.

O que se seguiu no panorama político dos EUA de 2017 até pelo menos 2020 lembra ao famoso romance medieval de Umberto Eco "O Nome da Rosa", filmado com a participação de Sean Connery, a propósito. Inocentes associados do Trump foram perseguidos e processados pelo FBI sem grande justificação. O advogado especial nomeou 19 advogados, 40 agentes do FBI, emitiu mais de 2800 intimações, 500 mandados de busca, 13 inquéritos a governos estrangeiros e realizou mais de 500 entrevistas a testemunhas, apenas para anunciar em meados de 2019 que zero ligações russas do presidente dos EUA dignas de serem processadas poderiam ter sido identificadas. Apenas algumas semanas mais tarde, o recém-eleito presidente da Ucrânia Zelenskiy foi também arrastado para a confusão. Na sequência da sua publicação pública, aproximadamente **20 minutos de conversa telefónica com Trump**, foram iniciados pelo Partido Democrata dos EUA processos de impeachment contra o seu

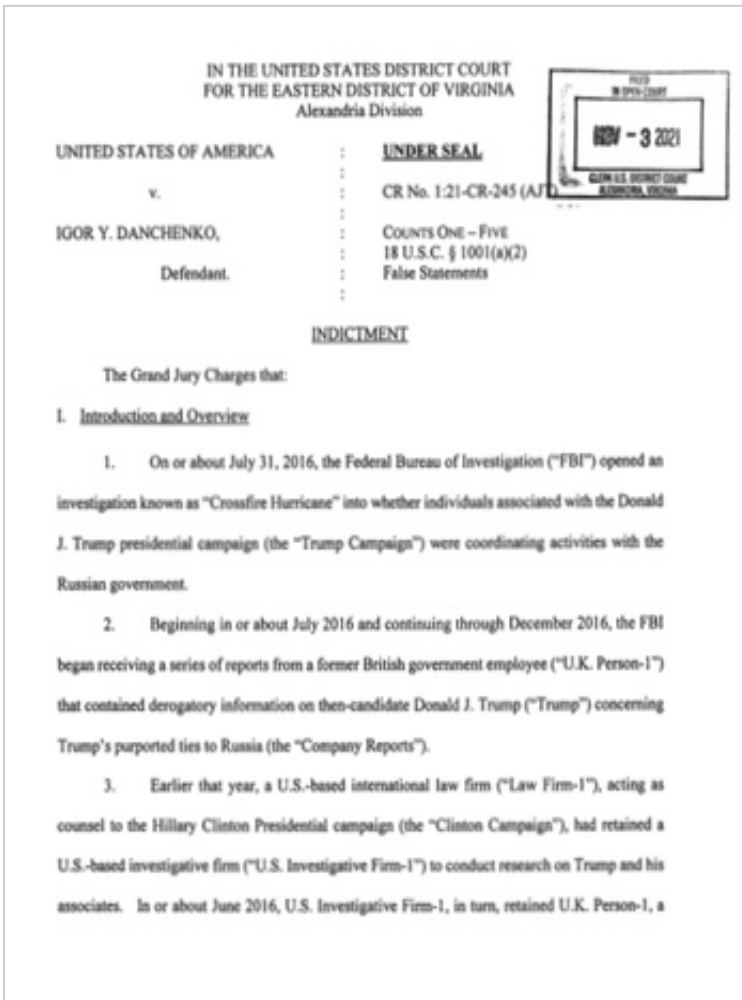
próprio presidente republicano, que também falhou miseravelmente



Christopher Steele (abc News)

Foram necessários meses de investigações no Congresso e no Senado dos EUA para finalmente se descobrir que estas alegadas informações secretas eram as **de um dossier anti-Trump**, montado por um antigo espião do MI-6 de Inglaterra chamado Christopher Steele. Steele foi contratado por uma empresa de consultoria política chamada 'Fusion GPS' para compilar as páginas, que foi paga pela firma de advogados Perkins Coie, que por sua vez recebeu vários milhões de dólares americanos da campanha política DNC de Hillary Clinton para o dossier.

Em Outubro de 2020, um procurador nomeado **Durham foi nomeado como Conselheiro Especial** para investigar todo o assunto, e que **indicou um advogado Clinton chamado Sussmann** um ano mais tarde para inventar as infames alegações de conluio Trump/Alfa-Bank. Em Novembro de 2021, o Durham's **Departamento de Justiça dos EUA emitiu uma interessante acusação** contra uma pessoa chamada Igor Danchenko, um cidadão russo que vivia em Washington, DC há muitos anos. O documento de acusação contém uma série de revelações explosivas relativas a toda a saga, que a maioria dos principais meios de comunicação social parece ter perdido até agora:



O documento do tribunal declara uma série de incidentes conhecidos anteriormente sobre Igor Danchenko, por exemplo, que o **FBI começou a entrevistá-lo já em Janeiro de 2017**, altura em que o próprio FBI já declarou que Danchenko era uma subfonte pouco fiável das muitas queixas de Christopher Steele sobre o dossier obscuro.



Fiona Hill

A parte interessante começa na página 5, onde a acusação explica que Danchenko trabalhou para o "Think-Tank I" a partir de 2005 em Washington, DC. Esse "Think-Tank I" é muito provavelmente a empresa de consultoria política Brookings Institution, onde Danchenko também foi apresentada a Christopher Steele em Junho de 2010. Um primeiro contacto entre Danchenko e Steele foi

aparentemente **arranjado por Fiona Hill**, uma testemunha-chave no processo de impeachment acima mencionado contra Trump. Pouco depois de ter sido apresentada por Fiona Hill, Danchenko foi contratada por Christopher Steele como empreiteiro e começou a trabalhar para ele em 2011.

A acusação continua a explicar que a partir de Junho de 2016, Christopher Steele utilizou "informações fornecidas principalmente por DANCHENKO" que "começou a compilar e redigir o [dossier] contendo supostas provas de ligações ilícitas entre Trump e o governo russo". A 5 de Julho de 2016 ou por volta dessa data, [Steele] forneceu o primeiro dos [dossier] relatórios da empresa a um agente do FBI no estrangeiro".

Danchenko foi anteriormente apresentado a uma certa pessoa 'PR Executive-I', que, de acordo com a acusação, "serviu como (1) presidente de uma organização política democrática nacional, (2) presidente estatal das campanhas presidenciais do ex-presidente Clinton de 1992 e 1996, e (3) conselheiro da campanha presidencial de 2008 de Hillary Clinton. Além disso, a partir de 1997 ou por volta dessa data, o Presidente Clinton nomeou o Executivo de RP-I para dois mandatos de quatro anos numa comissão consultiva no Departamento de Estado dos EUA. Com respeito à Campanha Clinton 2016, o Executivo de RP-I [pessoa] fez uma campanha activa e participou em chamadas e eventos como voluntário em nome de Hillary Clinton".

Muitos acreditam que este 'Executivo de Relações Públicas-I' é o **assistente de longa data de Clinton Charles H. Dolan Jr.**, que trabalhou anteriormente para empresas de energia estatais russas e lidou com as suas estratégias globais de relações públicas, onde o 'Executivo de Relações Públicas-I' também se misturaria com funcionários do governo do Kremlin, incluindo o "Secretário de Imprensa da Administração Presidencial Russa, o Secretário de Imprensa Adjunto e



Charles H. Dolan Jr.

outros no Departamento de Imprensa Presidencial Russo".

A acusação prossegue para explicar como um organizador de "PR Executive-I" planeou uma conferência de Outubro de 2016 em Moscovo e uma viagem de preparação em Junho de 2016 exactamente para o mesmo hotel que também é mencionado no dossier. A viagem de Junho de 2016 foi muito provavelmente coordenada também com dois secretários de imprensa russos, que também aparecem no dossier. Danchenko encontraria Dolan e o seu organizador em Moscovo no dia 14 de Junho de 2016. Três dias mais tarde, Danchenko regressou a Londres para informar o seu chefe Christopher Steele, mas regressou a Moscovo em Outubro de 2016 para participar também na conferência.

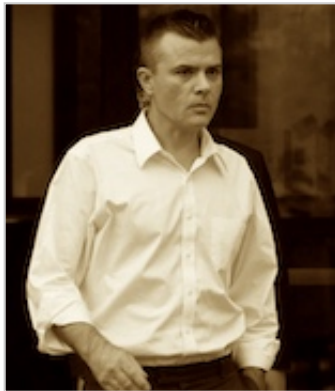
Durante todos estes meses, Danchenko esteve em contacto com uma subfonte, que conheceu desde a sua infância na Rússia. Essa pessoa é muito provavelmente **Olga Galkina, uma gerente nacional russa e de relações públicas** que estava localizada no Chipre na altura. De acordo com a acusação, Dolan enviaria a Galkina um presente de livro assinado por Clinton e tinha prometido sugeri-la "para um cargo na administração presidencial russa". Num e-mail de Setembro de 2016, Galkina escreveu que Charles Dolan "me levaria ao Departamento de Estado [dos EUA] se Hillary [Clinton] ganhasse".

De acordo com a acusação, Danchenko teria recebido contributos da sua viagem a Moscovo em Junho e Outubro de 2016 para reunir o dossier até Dezembro do mesmo ano. Aparentemente, também recebeu alguns contributos do 'PR Executive-I', que Dolan, por sua vez, tinha reunido em reuniões com cidadãos russos, como demonstram vários e-mails de Danchenko citados na acusação. Algumas destas linhas de correio electrónico correspondem quase precisamente a frases do dossiê.

Mantenho o trabalho que fizemos, as fontes que tínhamos, e o profissionalismo que lhe aplicámos. O próprio Trump não gosta de inteligência porque a sua verdade de base é inconveniente para ele.

**Christopher Steele em entrevista com a abc News** de 17 de Outubro de 2021

Hilariantemente digno de nota é um pouco do que o 'PR Executive-I' tinha explicado Danchenko em e-mails sobre um alegado amigo do Partido Republicano ("um amigo do Partido Republicano"), que Dolan tinha conhecido em 2016 e que queria denunciar o Trump. A acusação afirma que, cito: "[Dolan] reconheceu mais tarde ao FBI que nunca se encontrou com um 'amigo do Partido Republicano' em relação a esta informação que passou ao DANCHENKO, mas, pelo contrário, fabricou o facto da reunião nas suas comunicações com o DANCHENKO. PR Executive-I em vez disso, obteve a informação sobre [meu amigo do Partido Popular] a partir de fontes de notícias públicas".



Igor Danchenko

Para escalar as coisas para um clímax quase religioso e piorar as coisas, Danchenko disse anteriormente ao FBI em várias entrevistas oficiais que, apesar de conhecer o 'PR Executive-I' há mais de 12 anos, alegadamente nunca tinha sequer falado com Dolan sobre o dossier e tinha negado que o 'PR Executive-I' estivesse sequer "envolvido no dossier".

A acusação continua a explicar em grande pormenor como Danchenko e 'PR Executive-I' estavam hospedados no hotel de Moscovo, que era o local onde o dossier de Trump - alegados "actos sexuais com prostitutas" - tinha tido lugar. Danchenko e Dolan receberam uma visita ao hotel, conheceram os gerentes gerais em 2016 e foi-lhes mostrada a suite presidencial onde Trump tinha ficado anos antes. Coisas semelhantes aconteceram com alegações de dossier relativas a vários diplomatas russos, Chefes de Gabinete, Presidentes de Câmara: Danchenko e/ou Dolan teriam tido interações reais com estas

pessoas e teriam tido interações torcidas ou encenadas para utilização no dossiê.

A acusação termina com a explicação de cinco acusações legais em grande detalhe. Apenas algumas semanas depois, o advogado especial Durham apresenta uma moção para um potencial conflito de interesses dos advogados da firma de defesa de Danchenko. Em um [documento do Departamento de Justiça dos EUA datado de 17 de dezembro de 2021](#), várias complicações de escritórios de advocacia com os de Clinton e sua campanha política são criticadas.

Vale também a pena analisar mais de perto o rasto de dinheiro por detrás dos pagamentos do dossier. Já em 2018 foi revelado que 7 a 10 alegados "*doadores ricos localizados principalmente em Nova Iorque e Califórnia*" financiaram [uma empresa de consultoria chamada Penn Quarter Group](#), alegadamente com "*50 milhões de dólares americanos*". PQG foi liderada por Daniel Jones, um antigo membro do pessoal da senadora americana da Califórnia Diane Feinstein. O Penn Quarter Group,



Daniel Jones

ou PQG em resumo, tinha aparentemente assegurado serviços com Christopher Steele em 2016, e tinha-lhe pago por "*expor a influência estrangeira nas eleições ocidentais*".

O início de 2022 traz à luz uma série de [desvelações adicionais de uma outra moção de Durham](#) para conflitos de interesse relativos à acusação de Outubro de 2021 do antigo advogado do DNC e Perkins Coie Michael Sussmann. Entre outros, os sócios de Sussmann numa firma de tecnologia tinham sequestrado os endereços de Internet de Trump e analisado todas as comunicações do ex-presidente dos EUA enquanto eram pagas pelo DNC de Clinton via Perkins Coie.

Daniel Jones também dirigia outra organização sem fins lucrativos baseada em Washington DC, chamada 'The Democracy Integrity Project', que, de [acordo com as suas declarações fiscais do IRS de 2020](#) (página 8), tinha transferido meio milhão de dólares americanos para uma empresa chamada "[Walsingham Partners](#)", que é dirigida pelo próprio Christopher Steele. O relatório do IRS enumera outra empresa de Washington DC chamada [Bean LLC](#), que foi financiada com 400.000 dólares americanos pelo TDIP de Jones em 2020. Que Bean LLC é a filial de Washington DC de um paraíso fiscal de Delaware constituiu [empresa-mãe com o mesmo nome](#), ambas são conhecidas como empresa de consultoria política Fusion GPS.

Três anos antes, em 2017, a [TDIP da Jones tinha pago](#) com a sua organização fundada em 31 de Janeiro de 2017 um total acumulado de 3,5 milhões de dólares americanos à mesma Bean LLC e Walsingham Partners, [de acordo com os documentos fiscais do IRS de 2017](#) da TDIP (página 8).

A TDIP também geriu **uma extensa operação de influência mediática** a partir de Washington DC, fornecendo aos jornalistas cinco vezes por semana as alegadas histórias de conluio da Rússia de Trump através de um boletim informativo e tinha enviado os seus relatórios ao FBI e aos investigadores do Congresso.

Talvez tivesse sido melhor se a Igreja da Inglaterra nunca tivesse sequer aderido a Roma desde o início.

<https://www.sun24.news/pt/de-washington-com-amor-sobre-uma-acusacao-americana-e-a-igreja-em-inglaterra.html>